

CANTAREIRA

Revista dos graduandos e dos pós-graduandos em História da UFF



30ª ED. JAN-JUN, 2019

Dossiê: Cultura escrita no mundo ibero-americano:
identidades, linguagens e representações

Revista Cantareira

A Revista Cantareira (ISSN 1677-7794) é o periódico eletrônico dos graduandos e dos pós-graduandos em História da Universidade Federal Fluminense, fundada em 2002. A revista tem periodicidade semestral e recebe trabalhos inéditos, teóricos ou empíricos, que contribuam para o desenvolvimento da pesquisa no campo historiográfico. As suas finalidades são focar questões teóricas e críticas pertinentes aos estudos de História e áreas afins, fomentar o debate entre estudantes e pesquisadores de todo o país, oferecer aos leitores textos de excelente qualidade, democratizar o conhecimento e ser uma referência acadêmica no meio web.

www.periodicos.uff.br/cantareira revistacantareirauff@gmail.com

Comissão Editorial

Alan Dutra Cardoso (Editor-chefe) • Gabriel de Abreu Machado Gaspar • Aimée Schneider • Juliana Magalhães • Maria Isabel Boselli • Mariana Figueiredo Virgolino • Matheus Fernandes • Matheus Vieira • Nathália Fernandes.

Conselho Consultivo Nacional

Prof. Dr. Alexandre Carneiro Cerqueira Lima (UFF) • Prof.ª Dr.ª Denise Rollemberg (UFF) • Prof. Dr. Edmar Checon (UFF) • Prof. Dr. Eric Brasil (UNILAB) • Prof. Dr. Francivaldo Nunes (UFPA) • Prof. Dr. Guilherme Pereira das Neves (UFF) • Prof.ª Dr.ª Juliana Torres Pereira (UFBA) • Prof.ª Dr.ª Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves (UERJ) • Prof.ª Dr.ª Márcia Maria Menendes Motta (UFF) • Prof.ª Dr.ª Monica Martins (UFRRJ) • Prof.ª Dr.ª Raquel Campos (UFG) • Prof.ª Dr.ª Renata Dal Sasso (UNIPAMPA)

Conselho Consultivo Internacional

Prof.ª Dr.ª Brenda Escobar (Universidad Industrial de Santander - Colômbia) • Prof. Dr. Daniel Lvovich (Universidad Nacional de General Sarmiento- Argentina) • Prof.ª Dr.ª Margarita Sobral Neto (Universidade de Coimbra - Portugal)

REVISTA
CANTAREIRA
uff



REVISTA CANTAREIRA



Cantareira, 30^a ed. Jan-Jun,
2019
Dossiê: Cultura escrita no mundo
ibero-americano: identidades,
linguagens e representações

Organizadores:
Gabriel de Abreu Machado Gaspar
(UFF), Pedro Henrique Duarte
Figueira Carvalho (UFF) e Claudio
Miranda Correa (UERJ)

Imagem de capa:
*Casse de typographe, Grandjean au
musée Champollion, 1790.* Imagem
de 2013. Disponível em:
[http://fr.m.wikipedia.org/wiki/Fichier:
:Casse_de_typographe_Grandjean
- _mus%C3%A9e_Champollion.JPG](http://fr.m.wikipedia.org/wiki/Fichier:Casse_de_typographe_Grandjean_-_mus%C3%A9e_Champollion.JPG)

Dossiê Temático

1. Apresentação - Cultura escrita no mundo ibero-americano: identidades, linguagens e representações..... 4
2. "A cultura epistolar entre antigos e modernos: Normas e práticas de escrita em manuais epistolares em princípios do século XVI", por Raphael Henrique Dias Barroo..... 11
3. "A incorporação de elementos da cultura escrita castelhana nas histórias dos códices mexicas dos séculos XVI e início do XVII", por Eduardo Henrique Gorobets Martins..... 26
4. "As relações de sucesso e os periódicos da Península Ibérica na segunda metade do século XVII: imprimir, vender e aparecer nos materiais de notícias sobre a guerra", por Caroline Garcia Mendes..... 44
5. "Da devoção à violência: a atribuição da mentira como estratégia de discurso na Guerra Guaranítica", por Rafael César Tavares..... 58
6. "Significações e ressignificações de um manuscrito sertanista: o Projecto de Abertura... por Luis Rodrigues Vilares", por Anna Beatriz Corrêa Bortoletto..... 71
7. "Cultura Escrita para além do texto: percepções materiais e subjetivas do documento manuscrito", por Natalia Casagrande Salvador..... 84
8. "Entre Livros, Livreiros e Leitores: a trajetória editorial e comercial da Guia Médica das Mães de Família", por Cássia Regina Rodrigues de Souza..... 95
9. Entrevista com a Profa. Dra. Ana Paula Torres Megiani..... 109

Artigos Livres e Resenhas

10. "O materialismo histórico e a narrativa historiográfica", por Edson dos Santos Junior..... 116
11. "Aleia dos Gênios da Humanidade: escutando os mortos", por Cristiane Ferraro e Valdir Gregory..... 130
12. Resenha "Coração civil. A vida cultural sob o regime militar. 1964 a 1985. Ensaios históricos do historiador Marcos Napolitano", por Mathews Nunes Mathias..... 145

Apresentação - Cultura escrita no mundo ibero-americano: identidades, linguagens e representações

Claudio Miranda Correa¹

Gabriel de Abreu Machado Gaspar²

Pedro Henrique Duarte Figueira Carvalho³

Segundo Lucien Febvre e Henri Jean-Martin, o livro moderno surgiu a partir do encontro de dois fatores que, apesar de distintos, mantêm alguma ligação. Primeiro, foi necessário que o papel se firmasse enquanto mídia, o que não aconteceu antes do século XIV. Até então, as técnicas empregadas na produção das folhas, faziam com que seu preço fosse alto e sua qualidade inferior, mais frágil e pesado, com a superfície rugosa e repleto de impurezas. Concorrendo com o já estabelecido pergaminho de pele de carneiro, o novo material não oferecia aos copistas um suporte adequado para a transcrição de manuscritos, sugando a tinta, mais do que o necessário, e com possibilidades de duração limitada.⁴

O segundo fator apontado é a técnica de impressão manual, composta pela tríade: caracteres móveis em metal fundido, tinta mais espessa e prensa. Deixando a alquimia das tintas de lado, pela facilidade com a qual era possível produzi-las então, o grande avanço da época foi a composição em separado dos tipos móveis. Para cada signo fabricava-se uma punção de metal duro – composto de uma liga de chumbo, estanho e antimônio que variava de proporção conforme a região –, sob a qual se demarcava a matriz em relevo. Em metal menos duro moldavam-se as imagens em côncavo. A seguir, colocadas em uma forma se podia produzir os caracteres em quantidade suficiente para imprimir uma ou mais páginas. Sob a pressão do torno, o velino – pergaminho de alta qualidade, feito a partir de pele de bezerro ou cordeiro – não resistia à tensão imposta pela placa de metal que guardava os tipos. O papel, por sua vez, forçado à mesma pressão, continha a tinta mais espessa, apresentando uma nitidez regular de impressão. Eis o surgimento da indústria tipografia.⁵

¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação em História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

² Mestrando do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense.

³ Mestrando do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense.

⁴ FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. *O aparecimento do livro*. São Paulo: Ed; USP, 2017, p. 76-80.

⁵ Evidentemente, o processo histórico não é tão linear e simples quanto esta exposição, apresentando múltiplas instâncias. Nossa intenção, porém, objetiva explicar de forma sintética o aparecimento de uma ferramenta que transformou o mundo de variados modos. Para uma exposição mais cuidadosa, cf.: *Ibidem*, p. 105-108ss.

Dos incunábulos impressos na oficina de Johann Gutemberg, em Mogúncia, até o final do século XVIII, o trabalho dos tipógrafos e impressores permaneceu o mesmo, com algumas pequenas alterações. A realização da segunda edição da *Encyclopédie*, a exemplo, seguia os “ritmos de uma economia agrária”, dependente da sazonalidade dos recolhedores de trapos e dos papeleiros.⁶ Segundo Robert Darnton: “No início da Era Moderna, as tipografias dividiam-se em duas partes, *la casse*, onde se compunham os tipos, e *la presse*, onde se imprimiam as folhas.”⁷ Na composição alinhavam-se de forma manual e solitária um a um os tipos, formando linha a linha as placas. No trabalho de impressão eram necessários ao menos dois homens: um deles entintava as formas que estavam encaixadas sobre uma caixa móvel, com a prensa ainda aberta; o outro colocava a folha sobre uma armação de metal, onde eram fixadas as presas, e puxava a barra da prensa, fazendo o eixo girar em parafuso, produzindo uma das páginas. Terminada a resma, a atividade começava novamente, com a impressão no verso das folhas. Uma operação que requeria enorme esforço físico, tanto mais se tratando de uma tiragem grande.⁸

Portanto, até que se introduzissem efetivas mudanças técnicas, o período tratado compreende uma era de manufatura do livro. Entre o trabalho realizado pelos monges nos *scriptoria* e pelos copistas profissionais, que se instalaram sobretudo ao redor dos grandes centros e das universidades,⁹ e a tecnologia adotada em 1814, com a prensa cilíndrica, e da força do vapor, a partir de 1830,¹⁰ existe um intervalo de tempo no qual o trato com o livro é peculiar. Para os homens da época moderna, a relação com este objeto é diametralmente outra, opondo-se tanto daquela adotada pelos medievais, quanto da praticada hoje. O exame cuidadoso dos aspectos físicos era um expediente comum aos leitores do Antigo Regime. À qualidade das páginas era essencial uma espessura fina, de um branco opaco, com a impressão devidamente legível e em caracteres de bom gosto.¹¹ Uma preocupação material, de consumo, secular.

Junto à difusão dos livros, ocorreu a difusão dos formatos. Pouco a pouco, os pesados *in fólio* foram dando espaço a novos tamanhos, mais leves e com caracteres menores. Em pleno século XVII, quando a indústria já estava suficientemente estável, os impressores Elzevier lançaram uma coleção minúscula para a época, *in-12*, o que causou o espanto dos eruditos.¹² A partir de então, as pequenas edições invadiram o mercado com publicações *in-12*, *in-16* e *in-18*.

⁶ DARNTON, Robert. *O Iluminismo como negócio: A história da publicação da “Enciclopédia”, 1775-1800*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 14.

⁷ *Ibidem*, p. 176.

⁸ *Idem*.

⁹ VERGER, Jacques. Os livros. In: *Homens e saber na Idade Média*. Bauru, SP: EdUSC, 1999; FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. *O aparecimento do Livro... Op. cit.*, p. 59-63.

¹⁰ DARNTON, Robert. *O Iluminismo como negócio... Op. cit.*, p. 189.

¹¹ *Ibidem*, p. 150.

¹² WILLEMS, Afonso. *Les Elzevier: histoire et annales typographiques*. Bruxelles: G. A. van Trigt, 1880, p. 109.

A predominância da literatura religiosa não cessou, mas o interesse por temas como Literatura, Artes e Ciências, nos circuitos legais, e literatura pornográfica, sátiras, libelos e crônicas escandalosas e difamatórias, que corriam nos circuitos clandestinos, só fez aumentar.¹³

A popularização de material impresso e a diversificação dos temas foram acompanhadas de um aumento do público leitor. A Europa experimentou um crescente processo de alfabetização entre os séculos XVII e XVIII. Analisando países como Escócia, Inglaterra e França, e regiões como Turim e Castilla (Toledo), o historiador Roger Chartier apontou, a partir de assinaturas em registros cartoriais, que a alfabetização demonstrou avanços contínuos e regulares nesse período. E, na América, Nova Inglaterra e Virgínia, o movimento seguiu ritmos muito parecidos. Os ofícios e as condições sociais eram fatores determinantes para o ingresso, mesmo que de forma superficial, no mundo da escrita e da leitura. É quase certo que um clérigo, um notável ou um grande comerciante soubesse ler e escrever. Bem como, é quase certo que um trabalhador comum não dominasse essas habilidades.¹⁴

A imprensa não desbancou de imediato os textos manuscritos. A função e utilização dada à cópia e o público para quem ela se destinava, amplo ou restrito, condicionaram a forma de reprodução durante muito tempo. A sua imposição ocorreu devido à possibilidade de um aumento considerável da reprodução, ao barateamento do custo das cópias e a diminuição do tempo de produção de um livro. Cada leitor individual passou a ter acesso a um número maior de títulos e cada título atingia um número maior de leitores. Estes argumentos, porém, não justificam ou não explicam, por si, as “revoluções da leitura” experimentadas pelo Ocidente na época moderna. A mudança e aprimoramento das técnicas tiveram um papel relevante, mas não são as únicas determinantes.¹⁵ Ao mesmo passo em que elas ocorriam, alteravam-se os paradigmas sobre as práticas de leitura e a epistemologia em relação aos livros. A revolução passou por dois movimentos. No final do século XIV, a leitura silenciosa se converteu em prática comum, ganhando um número cada vez maior de adeptos, e a escolástica foi perdendo força, tornando o livro um objeto dessacralizado, um instrumento de trabalho e de conhecimento das coisas do mundo. Segundo Chartier: “Essa primeira revolução na leitura precedeu, portanto, a revolução ocasionada pela impressão, uma vez que difundia a possibilidade de ler silenciosamente (pelo menos entre os leitores educados, tanto eclesiásticos quanto laicos) bem antes de meados do século XV”.¹⁶

¹³ CHARTIER, Roger. As revoluções da Leitura no Ocidente. In: ABREU, Márcia (org.). *Leitura, história e história da leitura*. São Paulo: FAPESP, 1999, p. 95-98.

¹⁴ Chamamos genericamente de “registros cartoriais”, os documentos analisados por Chartier, cuja tipologia varia de certidões de casamento até contratos comerciais. CHARTIER, Roger. Práticas de escrita. In: CHARTIER, Roger (org.). *História da vida privada*. Vol. 3: da Renascença ao século das luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 114-118.

¹⁵ CHARTIER, Roger. As revoluções da leitura... *Op. cit.*, p. 22-23.

¹⁶ *Ibidem*, p. 24.

Passou-se, gradualmente, do predomínio de uma forma de leitura intensiva, ler e reler várias vezes um número limitado de obras, decorando trechos, recitando e memorizando com um sentido pedagógico, até outra forma, extensiva. Tornava-se cada vez mais comum possuir alguns livros ou uma pequena biblioteca particular para estudo ou para lazer. Textos curtos, alguns efêmeros, impressos e manuscritos de hora, o comércio ambulante de livretos... em tudo contribuíram para esse novo costume. É sabido que as duas modalidades ocuparam o mesmo espaço de tempo e uma não fez desaparecer a outra, no entanto, as descrições, as pinturas, os escritos e outros testemunhos tendem a sublinhar a vulgarização dessa prática.¹⁷

Em estudo recente, publicado pelos psicólogos Noah Forrin e Colin M. MacLoad, do Departamento de Psicologia da University Waterloo, no Canadá, constatou-se que a palavra lida em voz alta aparece como uma atividade com “efeito de produção”. Ler e ouvir o que se está lendo, uma medida duplamente ativa – “um ato motor (fala) e uma entrada auditiva autorreferencial” –, faz com que os trechos ganhem distinção, fixando suas marcas na memória de longo prazo. Esta ação, realizada repetidas vezes operacionaliza a memorização de passagens longas.¹⁸ Poemas da antiguidade ou do medievo, possuíam um sem número de versos que eram recitados, em maior ou menor proporção, por diversas pessoas e em diferentes locais. A leitura silenciosa (e extensiva), porém, implica em um vestígio distinto à lembrança, mais próximo da anamnese do que da fixação mnemônica.¹⁹

O resultado da pesquisa de Forrin e MacLoad pode ajudar a desvendar desencadeamentos que ocorreram no passado e que mudaram nossa relação com o livro. Por um lado, novos gêneros aparecem, uma forma narrativa mais alongada e menos rimada fez sentir sua presença: o romance.²⁰ Este, possui todos os aspectos necessários para agradar um leitor voraz, que folheasse um volume para seu entretenimento sem a preocupação de decorar passagens, mas, em alguns casos, o efeito foi justamente o contrário. Na lista dos *best sellers* da época moderna estão *Nouvelle Héloïse*, *Pâmela*, *Clarissa*, *Paul et Virgine*, *Souffrances du jeune Werther*, *Les aventures de Télémaque*, dentre outros, novelas com capacidade de prender seus leitores por mais de uma sessão repetidas vezes.²¹ Por outro lado, encadernados de caráter mais informativo, como os guias, as enciclopédias, os atlas históricos e geográficos, as cronologias, os almanaques, os catálogos, etc., ganharam cada vez mais espaço. Situação que provocava a queixa dos eruditos, como é o caso do suíço Conrad Gesner, que cunhou a

¹⁷ CHARTIER, Roger. Uma revolução da leitura no século XVIII? In: NEVES, Lucia Maria Bastos P. (org.). *Livros e impressos: Retratos do setecentos e do oitocentos*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2009, p. 93-95.

¹⁸ FORRIN, Noah; MACLEOD, Colin M. This time it's personal: the memory benefit of hearing oneself. *Memory*, [s.n.t.].

¹⁹ Utilizamos “anamnese” no sentido expresso por Platão no *Fédon*, que é o mesmo retomado pela medicina moderna, no qual a experiência é reconstituída pela consciência individual, por meio dos sentidos, como uma ideia; ao contrário da mnemônica, que se refere a um conjunto de técnicas para gravar de forma mecânica um conteúdo.

²⁰ CHARTIER, Roger. As revoluções da leitura... *Op. cit.*, p. 26.

²¹ *Ibidem*, p. 95-96

expressão “*ordo librorum*”, mas não deixou de reclamar da “confusa e irritante multiplicação de livros”, provocada pelo significativo aumento dos números de títulos disponíveis no mercado.²²

É sob esta arquitetura histórica que debruçam os estudos apresentados para a trigésima edição da *Revista Cantareira*, compondo o dossiê “Cultura escrita no mundo ibero-americano: identidades, linguagens e representações”. Fisicamente distante das metrópoles europeias, os súditos ibéricos instalados ou nascidos no continente americano não se furtaram a experimentar as consequências dessa nova invenção. Mais do que ler, eles refletiram sobre as ideias trazidas pelos livros e por outros impressos, transportados, muitas vezes, clandestinamente – “sob o capote”. Alguns assumiram uma postura conservadora diante das novidades; outros utilizaram as palavras como motivação para contestar a ordem social, a religião ou as autoridades estabelecidas. A historiografia brasileira avançou significativamente, nos últimos anos, sobre as temáticas abordadas aqui. Portanto, esses textos, ao mesmo tempo em que apresentam novidades relacionadas às pesquisas de historiadores em formação, nível mestrado e doutorado, também caminham por terreno consolidado.²³

No artigo “A cultura epistolar entre antigos e modernos: Normas e práticas de escrita em manuais epistolares em princípios do século XVI”, Raphael Henrique Dias Barroso aborda os códigos e normas da escrita epistolar que circulavam os ambientes cortesãos do início do Quinhentos. Com base nas obras de Erasmo de Roterdã e Juan Luis Vives, o autor demonstra a presença destes códices nas missivas diplomáticas trocadas entre o embaixador D. Miguel da Silva e D. Manuel, monarca português entre 1469 e 1521.

O segundo artigo, intitulado “A incorporação de elementos da cultura escrita castelhana nas histórias dos códices mexicas dos séculos XVI e início do XVII” de Eduardo Henrique Gorobets Martins, mostra a importância que a cultura escrita possuía nas relações de poder no mundo ibero-americano. Longe de considerar os índios como vítimas passivas da colonização, o autor evidencia como diversos grupos indígenas, que se aliaram aos espanhóis contra os mexicas, se apropriaram da cultura escrita castelhana tanto com o objetivo de reescrever suas histórias a partir de novos vocábulos como se inserir na colonização para obter cargos e privilégios juntos aos espanhóis.

O artigo seguinte, de autoria de Caroline Garcia Mendes, também demonstra a importância da cultura escrita no campo político em um outro espaço: a monarquia portuguesa

²² BURKE, PETER. *Uma História Social do Conhecimento*. Vol I: de Gutemberg a Diderot. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 97; BURKE, Peter. Problemas causados por Gutenberg: a explosão da informação nos primórdios da Europa moderna. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 16, n. 44, p. 173-185, abr. 2002, p. 175; CHARTIER, ROGER. *A ordem dos livros: Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora da UnB, 1994.

²³ Por ser profusa, evitamos listar a produção de historiadores brasileiros. O ato de enumerá-los, mesmo considerando somente os mais relevantes, seria exaustivo e injusto, pois em toda seleção sempre há esquecimentos por descuido ou por cálculo. O leitor interessado, de todo modo, estará bem informado consultando a bibliografia apresentada em cada artigo publicado adiante.

nos anos seguintes à Restauração de 1640. Intitulado “As relações de sucesso e os periódicos da Península Ibérica na segunda metade do século XVII: imprimir, vender e aparecer nos materiais de notícia sobre a Guerra”, a autora analisou duas dimensões do processo de profusão das notícias impressas em Portugal: a política e a econômica. Para tal, destaca a conflituosa relação entre impressores e cegos no que dizia respeito à circulação dos impressos. Do lado político, enfatiza a importância que certos feitos de alguns personagens adquiriam ao serem difundidos pela cultura escrita. No fundo de tal preocupação, estava a preocupação de se fazer ver diante de todos, especialmente do rei.

Em “Da devoção à violência: a atribuição da mentira como estratégia de discurso na Guerra Guaranítica”, escrito por Rafael César Tavares, o exame recai sobre as estratégias discursivas de ambos os lados partidários dos eventos. Para tanto, o autor analisou três conjuntos documentais difusos: as cartas dos *Guarani* enviadas aos funcionários coloniais na iminência do enfrentamento; o relatório pombalino escrito já ao fim dos conflitos; e o *Cândido* de Voltaire, novela em que o protagonista visita o Paraguai no contexto da Guerra. Um estudo relevante acerca de um episódio pouco visitado pela historiografia geral, abordado pela chave da retórica como fonte de análise.

O artigo de Anna Beatriz Corrêa Bortoletto tem como centro a cultura escrita ao avaliar a confecção e a trajetória de um documento do século XVIII redigido por Luís Rodrigues Villares, um comerciante envolvido com a expansão da colonização no atual Centro-Oeste brasileiro. Inicialmente pensado como uma instrução para os comerciantes que atuavam na região, a autora demonstra com tal documento foi ressignificado a partir de sua trajetória e materialidade. Ao fazê-lo, destaca que, atualmente, o documento se encontra num códice com diversos documentos de autoria de Custódio de Sá e Faria, um engenheiro militar que também atuou na América portuguesa do século XVIII, em outras palavras, o documento era importante para a administração colonial. A partir disso, o artigo analisa que, provavelmente, o manuscrito analisado circulou até chegar às mãos do Morgado de Mateus, então governador de São Paulo, cujo um dos descendentes vendeu o códice que hoje pertence à Biblioteca Mario de Andrade em São Paulo que o adquiriu de um bibliófilo com o objetivo de preservar documentos que pudessem responder diversas questões referentes à história do Brasil, ou seja, diferentes temporalidades históricas conferiram diferentes significados ao manuscrito.

Natalia Casagrande Salvador, em artigo intitulado “Cultura Escrita para além do texto: percepções materiais e subjetivas do documento manuscrito”, destaca a importância dos estudos da cultura material e da codicologia para a interpretação dos documentos históricos. A partir do *Livro de Termos* da Ordem Terceira de São Francisco da Penitência de Mariana, nas Minas Gerais, a autora analisa o papel enquanto suporte, os instrumentos e a escrita, o conteúdo e as posteriores rasuras e correções.

O último artigo deste dossiê intitula-se “Entre Livros, Livreiros e Leitores: a trajetória editorial e comercial da *Guia Médica das Mães de Família*” escrito por Cássia Regina Rodrigues de Souza. A autora aborda os manuais de medicina doméstica por meio do *Guia Médica das Mães de Família*, publicado em 1843 pelo médico francês Jean Baptiste Alban Imbert com o objetivo de instruir mães e gestantes. Ao investigar a trajetória editorial e comercial, a fim de discutir os possíveis leitores da obra, a autora demonstra que seu alcance ultrapassou os limites da elite alfabetizada imperial e penetrou, de diferentes formas, na vida de mães recém-paridas, comadres e parteiras.

Por fim, encerra nosso dossiê entrevista gentilmente concedida pela Dra. Ana Paula Torres Megiani, professora da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas e Livre Docente em História Social pela Universidade de São Paulo. Em resposta a quatro diferentes provocações, ela nos contou primeiro sobre sua trajetória e formação, indicando os caminhos que levaram às suas escolhas temáticas e as tendências da historiografia principalmente nos anos 1990. Na sequência, abordou a questão da circulação dos livros manuscritos na época moderna, salientando a recente atenção recebida por essa fonte. Para, então, tratar das influências do desenvolvimento da cultura escrita, entre os séculos XVI e XIX, no mundo ibero-americano como uma das bases de sustentação da administração imperial. E, no último bloco falou sobre os chamados “escritos breves para circular”, atribuição de tipologia documental que, segundo nossa leitura, evidencia o surgimento de um novo “regime de historicidade”, como classifica François Hartog, ou uma nova “experiência de tempo”, conforme Reinhart Koselleck.

Esta edição conta ainda com dois artigos livres e uma resenha. O primeiro, intitulado “O materialismo histórico e a narrativa historiográfica”, escrito por Edson dos Santos Junior, aborda o problema da narrativa e do pensamento materialista histórico a partir da obra de Walter Benjamin. No segundo, intitulado “Aleia dos Gênios da Humanidade: escutando os mortos”, Cristiane Ferraro e Valdir Gregory tratam da comunidade conscienciológica sediada em Foz Iguaçu e os lugares de memória do grupo que a compõe. Mathews Nunes Mathias resenhou a obra *Coração civil: a vida cultural sob o regime militar (1964-1985): Ensaios históricos (2017)*, escrita pelo historiador Marcos Napolitano.